Rumo à mais queer das insurreições

Mary Nardini Gang

Esta é uma produção independente, sem copyright, e está disponível em PDF gratuitamente.

Título original: Toward the queerest insurrection. Data da publicação original: 2014. Tradução: Contraciv.

Como citar este livro:

GANG, Mary Nardini. Rumo à mais queer das insurreições. Contraciv, 2023.

CONTRACIV, 2023
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG

Sumário

I 4
II 5
III.....6
IV 8
V.....8
VI 11
VII 14
VIII.....16
IX 21
X.....23
Apêndice: Mitologia Queer Relevante 25

I

Alguns lerão “queer” como sinônimo de “gay e lésbica” ou “LGBT”. Essa leitura fica aquém. Enquanto aqueles que se encaixam nas construções de “L”, “G”, “B” ou “T” podem cair nos limites discursivos do queer, o queer não é uma área estável para se habitar. Queer não é apenas outra identidade que pode ser incluída em uma lista de categorias sociais organizadas, nem a soma quantitativa de nossas identidades. Em vez disso, é a posição qualitativa de oposição a apresentações de estabilidade – uma identidade que problematiza os limites administráveis da identidade. Queer é um território de tensão, definido contra a narrativa dominante do patriarcado branco hetero monogâmico, mas também por uma afinidade com todos os que são

marginalizados, alterizados e oprimidos. Queer é o anormal, o estranho, o perigoso. Queer envolve nossa sexualidade e nosso gênero, mas muito mais. É o nosso desejo e fantasias e mais ainda. Queer é a coesão de tudo que está em conflito com o mundo capitalista heterossexual. Queer é uma rejeição total ao regime do Normal.

II

Como queers, entendemos a Normalidade. Normal é a tirania de nossa condição; reproduzida em todos os nossos relacionamentos. A normalidade é violentamente reiterada a cada minuto de cada dia. Entendemos esta Normalidade como a Totalidade. A Totalidade sendo a interconexão e sobreposição de toda opressão e miséria. A Totalidade é o

estado. É o capitalismo. É civilização e império. A totalidade é a crucificação numa cerca. É estupro e assassinato nas mãos da polícia. É “Str8 Acting”[1] e “No Fatties or Femmes”. É Queer Eye For The Straight Guy[2]. São as lições brutais ensinadas àqueles que não conseguem alcançar o Normal. É todas as maneiras que nos limitamos ou aprendemos a odiar nossos corpos. Nós entendemos a Normalidade muito bem.

III

---

[1] N.T. Str8 Acting ou Straight Acting (atuar como hétero) é um termo para se referir a pessoas que não são hétero mas agem como se fossem.

[2] N.T. Queer Eye For The Straight Guy (um olhar queer para um cara hétero) foi um reality show em que um grupo de cinco gays davam dicas de comportamento e vestimenta a um homem hétero, paradoxalmente fortalecendo a heteronormatividade.

Quando falamos de guerra social, o fazemos porque a análise purista de classes não nos basta. O que uma visão de mundo econômica marxista significa para uma sobrevivente de um espancamento? Para uma profissional do sexo? Para um adolescente fugitivo e sem-teto? Como pode a análise de classes, sozinha como paradigma para uma revolução, prometer libertação para aqueles de nós que viajam além de nossos gêneros e sexualidades atribuídas? O Proletariado como sujeito revolucionário marginaliza todos cujas vidas não se enquadram no modelo de trabalhador heterossexual. Lênin e Marx nunca foderam como nós. Precisamos de algo um pouco mais completo, algo equipado para ir com ranger de dentes a todas as complexidades de nossa miséria.

Simplificando, queremos fazer ruínas da dominação em todas as suas formas variadas e entrelaçadas. Essa luta que habita todas as relações sociais é o que conhecemos como guerra social. É ao mesmo tempo o processo e a condição de um conflito com essa totalidade.

IV

No discurso do queer, estamos falando de um espaço de luta contra essa totalidade – contra a normalidade. Por "queer" queremos dizer "guerra social". E quando falamos de queer como um conflito com toda dominação, queremos dizer isso.

V

Veja, sempre fomos o outro, o

estrangeiro, o criminoso. A história das queers nesta civilização sempre foi a narrativa do desviante sexual, do psicopata constitucional inferior, do traidor, do maluco, do imbecil moral. Fomos excluídas na fronteira, no trabalho, nos laços familiares. Fomos forçadas a campos de concentração, à escravidão sexual, a prisões. O normal, o hétero, a família americana sempre se construiu em oposição ao queer.

Hétero não é queer. O branco não é pessoa de cor. Saudável não tem HIV. Homem não é mulher. Os discursos da heterossexualidade, da branquitude e do capitalismo se reproduzem em um modelo de poder. Para o resto de nós, existe a morte. Em sua obra, Jean Genet[3] afirma

[3] Jean Genet era queer, criminoso, vagabundo que

que a vida de uma queer é um exílio onde toda a totalidade deste mundo é construída para nos marginalizar e explorar. Ele coloca o queer como o criminoso. Ele glorifica a homossexualidade[4] e a criminalidade como as mais belas e adoráveis formas de

---

passou sua juventude viajando pela Europa deixando um rastro de casos sórdidos em seu rastro. Ele foi condenado à prisão perpétua após quase uma dúzia de prisões por roubo, prostituição, vadiagem e comportamento obsceno. Enquanto estava na prisão, ele começou a escrever e inspirou Sartre e Picasso a fazer uma petição ao governo francês por sua libertação. Após sua libertação, ele foi convocado para o serviço militar, apenas para ser libertado por causa de outros soldados. O resto de sua vida foi marcado por flertes com vários revolucionários, filósofos, levantes e revoltas. A vida de Genet é um belo exemplo de decadência queer criminal revolucionária.

[4] "Homossexualidade" usado apenas como Genet o usa. Quando falamos de queers, queremos dizer infinitamente mais.

conflito com o mundo burguês. Ele escreve sobre os mundos secretos de rebelião e alegria habitados por criminosos e gays.

Citando Genet,

"Excluído por meu nascimento e gostos da ordem social, não tinha consciência de sua diversidade. Nada no mundo era irrelevante: as estrelas na manga de um general, as cotações da bolsa, a colheita da azeitona, o estilo do judiciário, o mercado do trigo, os canteiros de flores. Nada. Essa ordem, temerosa e temida, cujos detalhes estavam todos interligados, tinha um significado: meu exílio."

VI

Uma bicha é espancada porque sua apresentação de gênero é muito feminina. Um homem trans pobre não pode pagar seus hormônios que salvam vidas. Uma profissional do sexo é assassinada por seu cliente. Uma pessoa genderqueer é

estuprada porque ela só precisava ser "fodida direito". Quatro lésbicas negras são enviadas para a prisão por ousarem se defender de um agressor heterossexual[5]. Policiais nos espancam nas ruas e nossos corpos estão sendo destruídos por empresas farmacêuticas porque não podemos dar um centavo a elas. Queers experimentam, diretamente com nossos corpos, a violência e a dominação deste mundo. Classe, Raça, Gênero, Sexualidade, Capacidade; embora muitas vezes essas categorias de opressão inter-relacionadas e sobrepostas sejam perdidas na abstração, queers são forçadas a entender

[5] Veja as 4 de New Jersey. E vamos libertar todas as outras enquanto isso. N.T. New Jersey 4 é como ficaram conhecidas as quatro lésbicas negras de New Jersey que foram absurdamente condenadas à prisão após se defenderem de agressões verbais e físicas vindas de um homem branco hétero.

fisicamente cada uma. Nossos corpos e desejos foram roubados de nós, mutilados e vendidos de volta para nós como um modelo de vida que nunca poderemos incorporar.

Foucault diz que

"o poder deve ser entendido em primeira instância como a multiplicidade de relações de força imanentes à esfera em que operam e que constituem sua própria organização; como os processos que, através de lutas e enfrentamentos incessantes, os transformam, fortalecem ou os revertem; como o suporte que essas relações de força encontram umas nas outras, formando assim uma cadeia ou sistema, ou, ao contrário, as disjunções e contradições que as isolam umas das outras; e, por último, como as estratégias em que se efetivam, cujo desenho geral ou cristalização institucional se materializa no aparelho do Estado, na formulação da lei, nas diversas hegemonias sociais".

Experimentamos a complexidade da dominação e do controle social amplificados pela heterossexualidade.

Quando a polícia nos mata, queremos que eles também morram. Quando as prisões aprisionam nossos corpos e nos estupram porque nossos gêneros não são contidos da mesma forma, é lógico que queremos fogo para todos eles. Quando as fronteiras são erguidas para construir uma identidade nacional ausente de pessoas de cor e queers, vemos apenas uma solução: todas as nações e fronteiras reduzidas a escombros.

VII

A perspectiva de queers dentro do mundo heteronormativo é uma lente através da qual podemos criticar e atacar o aparato do capitalismo. Podemos analisar as formas como a Medicina, o Sistema Prisional, a Igreja, o Estado, o Casamento, a

Mídia, as Fronteiras, o Exército e a Polícia são usados para nos controlar e destruir. Mais importante, podemos usar esses casos para articular uma crítica coesa de todas as maneiras pelas quais somos alienados e dominados.

Queer é uma posição para atacar mais o normativo, uma posição para entender e atacar as formas pelas quais o normal é reproduzido e reiterado. Ao desestabilizar e problematizar a normalidade, podemos desestabilizar e nos tornar um problema para a Totalidade.

A história do movimento queer organizado nasceu dessa posição. A trans mais marginalizada, pessoas de cor, profissionais do sexo - sempre foram os catalisadores de explosões desenfreadas de resistência queer. Essas explosões

foram combinadas com uma análise radical que afirma de todo o coração que a libertação das pessoas queer está intrinsecamente ligada à aniquilação do capitalismo e do estado. Não é de admirar, então, que as primeiras pessoas a falar publicamente sobre a libertação sexual neste país tenham sido anarquistas, ou que aqueles no século passado que lutaram pela libertação queer também lutaram simultaneamente contra o capitalismo, o racismo, o patriarcado e o império. Esta é a nossa história.

VIII

Se a história prova alguma coisa, é que o capitalismo tem uma traiçoeira tendência recuperativa para pacificar os movimentos sociais radicais. Funciona de

forma bastante simples, na verdade. Um grupo ganha privilégio e poder dentro de um movimento e, logo depois, vende seus companheiros. Alguns anos depois de Stonewall[6], homens brancos gays ricos marginalizaram completamente todos que tornaram seu movimento possível e abandonaram sua revolução com eles. Antigamente ser queer era estar em conflito direto com as forças de controle e dominação. Agora, nos deparamos com uma condição de total estagnação e esterilidade. Como sempre, o capital recuperou rainhas de rua que atiravam tijolos e as transformou em políticos e ativistas de terno. Existem republicanos de

[6] N.T. Rebeliões e levantes em resposta à repressão e agressão policial contra representantes LGBT que tiveram início no bar Stonewall em Nova Iorque.

log cabin[7] e “stonewall” refere-se a democratas gays. Há bebidas energéticas gays e uma estação de televisão “queer” que faz guerra contra as mentes, corpos e autoestima de jovens impressionáveis.

O establishment político “LGBT” tornou-se uma força de assimilação, gentrificação, poder do estado e do capital. A identidade gay tornou-se tanto uma mercadoria comercializável quanto um dispositivo de retirada da luta contra a dominação. Agora eles não criticam o casamento, os militares ou o estado. Em vez disso, temos campanhas para assimilação queer em cada uma dessas coisas. Sua política é a defesa dessas

[7] N.T. Organização que defende os interesses de gays e lésbicas dentro do partido Republicano dos EUA.

instituições opressivas, ao invés da aniquilação de todas elas. “Gays podem matar pessoas pobres em todo o mundo, assim como pessoas heterossexuais!” “Os gays podem manter as rédeas do estado e do capital, assim como os heterossexuais!” “Somos como você.” Os assimilacionistas querem nada menos do que construir o homossexual como normal - branco, monogâmico, rico, 2,5 filhos, carros caros e uma cerca branca em casa. Essa construção, evidentemente, reproduz a estabilidade da heterossexualidade, da branquitude, do patriarcado, do gênero binário e do próprio capitalismo.

Se queremos genuinamente arruinar essa totalidade, precisamos fazer uma ruptura. Não precisamos de inclusão no casamento, nas forças armadas e no

estado. Precisamos acabar com eles. Chega de políticos, CEOs e policiais gays. Precisamos articular rápida e imediatamente um grande abismo entre a política de assimilação e a luta pela libertação.

Precisamos redescobrir nossa herança desenfreada como anarquistas queer. Precisamos destruir as construções de normalidade e, em vez disso, criar uma posição baseada em nossa alienação dessa normalidade e capaz de desmantelá-la. Devemos usar essas posições para instigar rupturas, não apenas do mainstream assimilacionista, mas do próprio capitalismo. Essas posições podem se tornar ferramentas de uma força social pronta para criar uma ruptura completa com este mundo. Nossos corpos nasceram

em conflito com essa ordem social. Precisamos aprofundar esse conflito e fazê-lo se espalhar.

IX

Susan Stryker escreve que o estado age para

"regular os corpos, tanto grandes como pequenos, ao enredá-los em normas e expectativas que determinam que tipos de vida são considerados vivíveis ou úteis e fechando o espaço de possibilidade e transformação imaginativa onde a vida das pessoas começa a exceder e escapar do uso do estado para eles."

Devemos criar um espaço onde seja possível que o desejo floresça. Esse espaço, certamente, exige conflito com essa ordem social. Desejar, num mundo estruturado para confinar o desejo, é uma tensão que vivemos diariamente. Devemos entender

essa tensão para que possamos nos tornar poderosos por meio dela - devemos entendê-la para que ela possa destruir nosso confinamento.

Este terreno, nascido da ruptura, deve desafiar a opressão em sua totalidade. Isso, sem dúvida, significa negação total deste mundo. Devemos nos tornar corpos em revolta. Precisamos mergulhar e entrar no poder. Podemos aprender a força de nossos corpos na luta por espaço para nossos desejos. No desejo encontraremos o poder de destruir não só o que nos destrói, mas também aqueles que aspiram a fazer de nós uma alegre imitação daquilo que nos destrói. Devemos estar em conflito com os regimes do normal. Isso significa estar em guerra com tudo. Se desejamos um mundo sem

restrições, devemos destruir este mundo. Devemos viver além da medida, amar e desejar das formas mais devastadoras. Devemos entender o sentimento de guerra social. Podemos aprender a ser uma ameaça, podemos nos tornar a mais queer das insurreições.

X

Para ser preciso: nos desesperamos por nunca podermos estar tão bem vestidos ou cultos quanto os Fab Five. Não encontramos nada em Brokeback Mountain. Passamos muito tempo nos arrastando pelos corredores com a cabeça baixa. Não damos a mínima para o casamento ou para o exército. Mas, oh, nós tivemos o sexo mais quente em todos os lugares de todas as maneiras que não

deveríamos e os outros meninos na escola definitivamente não podem saber disso.

E quando eu tinha dezesseis anos, um valentão me empurrou e me chamou de bicha. Eu bati na boca dele. A relação do meu punho com o rosto dele foi muito mais sexy e libertadora do que qualquer coisa que a MTV já ofereceu à nossa geração. Com o pré-sêmen do desejo nos lábios soube desde então que era um anarquista. Em suma, este mundo nunca foi suficiente para nós. Dizemos a ele: “queremos tudo, desgraçado, tente nos impedir!”

Nos tornemos decadentes!

Depravação é a nossa política!

Depravação é a nossa vida!

Apêndice: Mitologia Queer Relevante

Cooper's Donuts era uma loja de donuts aberta a noite toda em um trecho decadente da Main Street em Los Angeles. Era um ponto de encontro regular para rainhas de rua e prostitutas queer em todas as horas da noite. O assédio policial era um elemento regular do Cooper, mas em uma noite de maio de 1959, os bichas reagiram. O que começou com os clientes jogando rosquinhas na polícia se transformou em brigas de rua. No caos que se seguiu, todos os rebeldes empunhando rosquinhas escaparam noite adentro.

Um fim de semana em agosto de 1966 - Compton's, uma lanchonete 24 horas no bairro de Tenderloin, em São Francisco, estava fervilhando com sua

habitual multidão noturna de drag queens, traficantes, favelados, passantes, adolescentes fugitivos e frequentadores regulares do bairro. A gerência do restaurante ficou incomodada com uma multidão barulhenta de jovens rainhas em uma mesa que parecia estar gastando muito tempo sem gastar muito dinheiro, e chamou a polícia para prendê-las. Um policial mal-humorado, acostumado a maltratar impunemente a clientela de Compton, agarrou o braço de uma das rainhas e tentou arrastá-la para longe. Ela inesperadamente jogou o café na cara dele, no entanto, e uma confusão estourou: pratos, bandejas, copos e talheres voaram pelo ar na direção do policial assustado que correu para fora e pediu reforços. Os fregueses viraram as

mesas, quebraram as vidraças e se espalharam pelas ruas. Quando os reforços policiais chegaram, brigas de rua começaram por toda a vizinhança de Compton. As drag queens espancaram a polícia com suas bolsas pesadas e chutaram-nas com seus sapatos de salto alto. Um carro da polícia foi vandalizado, uma caixa de jornal foi totalmente queimada e o caos geral foi causado por todo o Tenderloin.

O que começou como um ataque matinal em 28 de junho de 1969 no Stonewall Inn de Nova York, evoluiu para quatro dias de tumultos em Greenwich Village. A polícia conduziu a operação como de costume; visando pessoas de cor, pessoas trans e variantes de gênero para assédio e violência. Tudo mudou, porém,

quando uma sapatão resistiu à prisão e várias rainhas de rua começaram a atirar garrafas e pedras na polícia. A polícia começou a espancar as pessoas, mas logo pessoas de toda a vizinhança correram para o local, aumentando o número de manifestantes para mais de 2.000. Os policiais em número muito menor se barricaram dentro do bar, enquanto um parquímetro era usado como aríete pela multidão. Coquetéis molotov foram jogados no bar. A polícia de choque chegou ao local, mas não conseguiu retomar o controle da situação. Drag queens dançavam uma linha de conga e cantavam canções em meio à luta de rua para zombar da incapacidade da polícia de restabelecer a ordem. Os tumultos continuaram até o amanhecer, apenas

para recomeçar ao anoitecer dos dias seguintes.

Na noite de 21 de maio de 1979 , no que ficou conhecido como White Night Riots, a comunidade queer de San Francisco ficou indignada e queria justiça pelo assassinato de Harvey Milk. As bichas indignadas foram até a prefeitura onde quebraram as janelas e a porta de vidro do prédio. A multidão tumultuada saiu às ruas, interrompendo o tráfego, quebrando vitrines e janelas de carros, desativando ônibus e incendiando doze viaturas da polícia de São Francisco. Os tumultos se espalharam pela cidade enquanto outros se juntavam à diversão!

Em 1970, as veteranas de Stonewall, Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera, fundaram a STAR Street Travestite Action

Revolutionaries. Eles abriram a STAR house, uma versão radical da cultura “house” das comunidades queer negras e latinas. A casa fornecia um lugar seguro e gratuito para juventude queer e trans de rua ficarem. Marsha e Sylvia como as “Mães da Casa” se apressaram para pagar o aluguel para que as garotas não fossem forçadas a isso. Seus “filhos” vasculhavam e roubavam comida para que todos na casa pudessem comer. Isso é o que chamamos de ajuda mútua!

No período entre os motins de Stonewall e o surto de HIV, a comunidade queer de Nova York viu o surgimento de uma cultura de sexo público. Gays faziam orgias em prédios ocupados, em caminhões abandonados, nos píers e em bares e clubes ao longo da rua Christopher.

Esta é a nossa ideia de associação voluntária de indivíduos livres! Muitos marcam este como o momento mais sexualmente liberado que este país já viu. No entanto, as autoras deste zine acreditam sinceramente que podemos superá-los.

Rumo à mais queer das insurreições é uma declaração antiassimilacionista queer contra todas as formas de dominação do mundo cis-het. Ela circulou por muitos ambientes clandestinos e tornou-se uma leitura necessária para todas as revolucionárias queer. Uma leitura breve que serve para alimentar a chama da luta.

CONTRACIV, 2023
CONTRACIV.NOBLOGS.ORG